

## LAZER, JUVENTUDE E A FESTA DO DIVINO: PRÁTICAS SOCIAIS EM UMA COMUNIDADE RIBEIRINHA<sup>1</sup>

Recebido em: 10/09/2020

Aprovado em: 26/04/2021

Licença: 

*Leonardo Toledo Silva*<sup>2</sup>

*Vânia Noronha*<sup>3</sup>

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG)

Belo Horizonte –MG– Brasil

**RESUMO:** Apresentamos e compreendemos a festa do Divino Espírito Santo na Barra do Guaicuí-MG enquanto vivência de lazer e constituição de identidade de jovens ribeirinhos. Discutimos os termos: Lazer, Juventude, Festa e Identidade e apropriamos da etnografia como método, realizando uma pesquisa de campo com observações, questionário e entrevistas. A festa do Divino diz da construção de identidades possibilitadas pela articulação dos fenômenos religiosos e o lazer, por meio do acesso a bens socioculturais tradicionais e participação no contexto contemporâneo. Os jovens imersos nos afazeres religiosos, ao mesmo tempo em que rezam, dançam com os catopês, ouvem músicas sertanejas e forró, postam fotos nas redes sociais, dentre outras experiências. Todo esse cenário e atores constituem uma forma de compreender a cultura e as identidades desses jovens, que misturam tradição e contemporaneidade não em oposição, mas em diálogo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Atividades de Lazer. Festa. Juventude. Identidade. Comunidade Ribeirinha.

## LEISURE, YOUTH AND THE FEAST OF THE DIVINE: SOCIAL PRACTICES IN A RIVERSIDE COMMUNITY

**ABSTRACT:** We present and understand the Divino Espírito Santo's party in Barra do Guaicuí/MG as a leisure experience and identity constitution of young riverside people. We discuss the terms: Leisure, Youth, party and Identity and embrace ethnography as a method, conducting a field research with observations, questionnaires and interviews. The Divino's party says about the construction of identities made possible through the articulation of religious phenomena and leisure, along the access to tradition sociocultural goods and participation in the contemporary context. Young people immersed in religion activities, at the same time that they pray, dance with catopês, listen to sertanejo and forró music, post photos on social networks, among other experiences. This whole scenario and actors are a way of understanding the culture and

<sup>1</sup> Este texto foi construído com base em pesquisa de doutoramento do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC Minas.

<sup>2</sup> Doutorando em Educação PUC Minas, Mestre em Lazer UFMG. Professor do curso de Educação Física do UNIFEM/Sete Lagoas e da PBH.

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela USP. Docente no Programa de Pós-graduação em Educação na PUC Minas.

identities of these young people, who mix tradition and contemporaneity not in opposition, but in dialogue.

**KEYWORDS:** Leisure Activities. Party. Youth. Identity. Riverside Community.

## **Introdução**

Este artigo é inspirado em tese de doutoramento e tem como objetivo apresentar uma dimensão do lazer de jovens ribeirinhos que vivem na comunidade da Barra do Guacui, no norte de Minas Gerais. Trata-se da festa do Divino Espírito Santo, momento no qual, esses jovens têm a oportunidade de viver a tradição na contemporaneidade e por meio dela construir diferentes identidades.

Para tanto, apresentamos a localidade e o que a caracteriza enquanto uma comunidade tradicional; o nosso entendimento sobre alguns conceitos que permearam o estudo e análises da etnografia realizada. Consideramos que o lazer é um fenômeno potente para que possamos, cada vez mais, conhecer como sujeitos em diferentes fases etárias, contextos culturais e suas múltiplas tradições, vivem a realidade nesse país continental chamado Brasil.

## **O Lazer da Juventude na Barra do Guaicui**

A Barra do Guaicuí é um distrito de Várzea da Palma, distante 79Km da sua sede. Está localizado a 371km da capital mineira e entre dois grandes municípios da região norte do de Minas Gerais (Pirapora a 24Km e Montes Claros a 145 Km). É margeada por dois rios, São Francisco e das Velhas. Sua população é de 1849 pessoas, com predominância negra. É grande a influência da religião católica. Os moradores vivem basicamente da pesca; do pequeno comércio que inclui serviços essenciais como posto de gasolina, mercados, depósito de material de construção, bares e lojas; pousadas

de turismo de pesca; empresas de exploração de areia retirada do Rio São Francisco; da agricultura; e alguns moradores são beneficiários do Bolsa Família.

É considerada uma comunidade tradicional, ribeirinha, não se reconhece como tal apenas por serem eles e os seus modos de vida diferenciados do ponto de vista cultural, mas, também, por haverem no correr dos tempos, criado, vivido e transformado padrões de cultura e modos de vida em que a luta, o sofrimento, a ameaça e a resistência estão no cerne da memória (BRANDÃO; LEAL, 2002).

Assim, as comunidades não são tradicionais porque aos olhos de quem chega opõem-se ao que, segundo “os de dentro” é moderno. São tradicionais porque são ancestrais, antigos, resistentes, anteriores. Porque possuem uma tradição de memória de si mesmos em nome de uma história construída, preservada e narrada no existir em um lugar, por oposição a quem “chega de fora” (BRANDÃO; LEAL, 2002).

Para compreender o lazer dos jovens da Barra do Guaicuí foi preciso adentrar no contexto cultural e apropriar de suas construções simbólicas, abrindo possibilidades para ouvir, ver, sentir com os próprios sujeitos, como estes vivenciam suas práticas. Isto se deu por meio da realização de uma pesquisa etnográfica.

Partimos do entendimento de lazer como necessidade humana e dimensão da cultura que articula a ludicidade, as manifestações culturais e o tempo/espaço social (GOMES, 2014). Consideramos ainda, o lazer como uma dimensão da vida humana que se articula com todas as outras numa relação interseccional e interdependente com o nosso modo de ser e estar no mundo, enquanto gênero, classe social, etnia, interesses sexuais, religiosos, dentre tantas outras variáveis. Por isso mesmo, o lazer é polissêmico, ambíguo, articulado com a temporalidade vivida pelos sujeitos. Em cada época a humanidade construirá diferentes referências em relação ao fenômeno e, do

mesmo modo, no campo epistemológico, não encontraremos unanimidade para o conceito.

Na contemporaneidade, o lazer tem cada vez mais se tornado objeto da indústria cultural e entretenimento sendo explorado por meio de estratégias reprodutivistas e alienantes pelo sistema capitalista. Ao mesmo tempo, esse fenômeno tem sido uma possibilidade concreta para que os sujeitos ampliem suas leituras críticas em relação a estas estratégias, se tornando importante ferramenta para sua transformação. Esta última possibilidade exige a formação dos sujeitos que permita uma educação das sensibilidades nesse campo aberto às experiências. (NORONHA *et. al.* 2011).

Provavelmente a juventude seja esse momento onde os sujeitos estejam mais abertos à vivência dessas experiências. Para Dayrell (2016), a categoria juventude é parte de um processo de crescimento totalizante, que ganha contornos únicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos em cada contexto sociocultural histórico. Isso significa entender a juventude não como uma passagem e, muito menos, momento de preparação para a vida adulta. Ela assume uma importância em si mesma como um momento de inserção social, no qual o indivíduo vai se descobrindo e descortinando as possibilidades em todas as instâncias da vida, da dimensão afetiva até a profissional.

Essa realidade se realiza em contextos históricos, sociais e culturais distintos, nas diferentes condições sociais (de classe econômica), na diversidade cultural (a cor da pele, gênero, religiosas, os valores familiares etc.) e nas territoriais (urbano, rural), que se articulam para a construção das conhecidas modalidades de se vivenciar a juventude (DAYRELL, 2016). Dessa forma, entender a juventude é compreender as relações desse grupo com os aspectos relacionados as culturas e aos aspectos que a cerca em diferentes momentos.

Na juventude os sujeitos experimentam maneiras de ser e estar no mundo a todo instante e, desse modo, com seus pares e os diferentes, constroem suas identidades. Nessas circunstâncias, múltiplas são as combinações possíveis: ser homem/mulher/cis/trans/binário; hetero/homo/bissexual; negro/branco/índio; urbano/rural/ribeirinho; católico/evangélico/espírita/budista; entre tantas outras possibilidades e vivências que se realizam no cotidiano.

Pereira *et. al.* (2019, p.190), entendem as identidades como um “sistema multidimensional que integra e articula várias dimensões do ser humano, de uma forma dinâmica, na tensão dialógica entre conservação e transformação”. A identidade não é assim hipostasiada, imune ao contato, alheia aos movimentos das relações cotidianas. Ao contrário, ela é plural, cambiante, sendo afetada pelas relações, pertencimentos e diferenciações.

De acordo com Nonato *et. al.* (2016), as identidades dos jovens também sofrem de alguma maneira, interferências do espaço onde são construídas. Esse passa a ter sentidos próprios, transformando-se em lugar do fluir da vida, além de fornecer suporte e mediação para as relações sociais com sentidos próprios, para cada sujeito, o local como ancoragem para as memórias (individuais e coletivas). Dessa maneira os jovens tendem a transformar os espaços físicos em sociais, pela produção de estruturas particulares de significados e encontros com os pares, podendo ser a região mais significativa, o território onde vivem os locais de processos educativos, as praças, quadras e festas. A vivência no território constitui uma base importante para a história de vida dos jovens e suas identidades e pode fornecer elementos significativos para compreender esses sujeitos.

Entre os jovens da Barra identificamos algumas vivências de lazer como a Dança de São Gonçalo, o futebol, andar de cavalo, de bike; correr argolinhas e andar no

mato; ler livros; ficar em casa escrevendo ou desenhando; tocar violão; assistir televisão e internet; mexer no celular, no *Whatsapp e facebook*; ouvir música; jogar vídeo game; assistir jornais; olhar vídeos no *youtube*; festa, namorar; conversar com as amigas; sair com os amigos; ir a casa dos parentes; ir a igreja; sair para beber (respostas extraídas dos questionários), destacaremos nesse artigo a festa do Divino.

Consideramos a festa, como uma manifestação de lazer presente em todas as culturas, que por meio delas, expressam sua cosmovisão, símbolos, maneiras de se expressar, de criar e de tecer relações, “mostrando a dinâmica que permeia essa manifestação, ou seja, as relações, os valores e interesses que, por meio de práticas múltiplas, cunham a pluralidade da cultura” (ROSA, 2002, p.12), ribeirinha em diálogo da tradição com a contemporaneidade.

A partir do momento em que se torna possível pesquisar sobre esses elementos, há possibilidades de traçar caminhos e entender como são construídas as relações e como estão representadas de acordo com os sujeitos e a cultura que estão inseridos. Por estar situado em um espaço em que há diversidade de sujeitos, os eventos festivos abarcam essa coexistência de experiências, sendo produções simbólicas, cada qual com suas particularidades, ressaltando o quanto isso é fruto de vivências de lazer, muito pelo fato de serem realizados, em maioria, no tempo disponível (ROSA, 2004).

Assim, entendemos que analisar a participação dos jovens na festa do Divino na Barra nos permitiu conhecer as experiências e os tempos/espços dedicados por eles e seus cotidianos, e na relação com seus pares (outros jovens, adultos e idosos). Nessa construção as identidades são transformadas, sempre em relação de poder, no encontro entre os iguais e os diferentes. Outra possibilidade foi a de perceber como a juventude ribeirinha de hoje vive as tradições em contextos contemporâneos tornando-se indivíduos com identidades próprias dentro de uma comunidade tradicional.

## **A Festa do Divino na Barra do Guaicuí/MG**

Segundo Van Der Poel, mais conhecido como Frei Chico (2013), as origens desta festa remontam ao século XIII em Portugal, pois os cristãos tinham a expectativa de um apocalipse onde iniciaria uma era de paz e sossego para todos os homens, a era do Divino Espírito Santo. Ainda segundo o autor, a festa do Divino chega ao Brasil no século XVI, sendo celebrada em vários estados, com características próprias em cada uma delas e modos diversificados de realização dos rituais. Em Minas Gerais acontece em inúmeras cidades, na capital e pelo interior, quase sempre celebrada no dia de pentecostes. Vários são os grupos de congado (ou Reinado de Nossa Senhora do Rosário) que têm o Divino como devoção (NORONHA, 2017). Citando os estudos de Brandão (2004), no estado de Goiás, Frei Chico afirma que:

[...] esses rituais são, em verdade, situações extremamente festivas e sobre as quais a sociedade coloca o peso da crença na eficácia simbólica daquilo que pratica como valor coletivo indiscutível, seja para cumprir parte dos seus deveres ou de seus contratos com a divindade seja para conseguir quebrar a rigidez de sua vocação de rotina como produtora de arroz e gado (BRANDÃO, 2004 *apud* VAN DER POEL, 2013, p. 417).

Na comunidade da Barra do Guaicuí dois são os festejos realizados: a dança de São Gonçalo e a festa do Divino. Algumas semelhanças podem ser encontradas entre elas, mas restringiremos a tratar dos rituais da festa do Divino, que acontecem em três dias.

No primeiro dia, a missa dá início aos festejos. Às 19:00 a igreja já está completamente cheia. O Padre é o primeiro a adentrar na igreja seguido pelos os

catopés<sup>4</sup>. Uma integrante do grupo traz consigo a bandeira vermelha estampada com a pomba branca, símbolo do Divino, e uma placa com os dizeres “nascidos no Espírito Santo para ser sal na terra e luz do mundo”. A bandeira permanece no altar durante toda a missa. Nas cinco primeiras filas de bancos do lado direito encontram-se as pessoas que organizam os eventos culturais e religiosos da Barra e os catopés e, nas do lado esquerdo, o coral formado por jovens, todos usando uma camisa branca com detalhes em vermelho e escrito: Unidos pelo Espírito Santo, “Coral Mirim de Guaicuí”. Nos demais bancos nota-se todos os outros da comunidade. Gabriel (2008) destaca que essa disposição nas igrejas de contextos rurais desde tempos passados demarcam também papéis sociais entre seus moradores:

A liderança religiosa, principalmente da zona rural, desempenhava uma autoridade significativa para as comunidades. Essas lideranças, segundo Camargo (1998, p.33), era exercida não somente para organizar os cultos de domingo, mas as festas, os jogos pelas organizações, conselhos de família etc. essas práticas, com menos intensidade, ainda existem, na sociedade contemporânea. Entretanto, o que é de fundamental importância a ser percebido relaciona-se ao aspecto da relação religião, festa e controle social (GABRIEL, 2008, p.66).

Ao término da missa nota-se o mesmo movimento do início, primeiro se retirando do recinto o padre, os dois coroinhas, os catopés com a bandeira e os demais da comunidade. Na praça em frente a igreja está organizada a segunda parte da celebração, o mastro de madeira já está fincado, enfeitado de papel branco e vermelho e balões na parte inferior, bandeirinhas das mesmas cores enfeitam a rua. Em breve se dará o levantamento do mastro. As barracas para venda de comidas e bebidas, o som, iluminação e músicos já foram testados, alguns jovens que não entraram na igreja aguardam. Os catopés levam a bandeira até o mastro, os músicos (um no pandeiro, um no violão e outro no tan-tan) se colocam ao lado com as pessoas que vão cantar as

---

<sup>4</sup> O catopé (catopé, catupé) é um grupo que faz parte da família congadeira do Reinado de Nossa Senhora do Rosário juntamente com o candombe, o moçambique, o congo, o caboclinho, a marujada, o vilão e o cavaleiro de São Jorge (MARTINS, 1982).

músicas. Perez (2002) destaca que a festa e a cerimônia religiosa possuem as mesmas finalidades para os humanos:

Tanto na festa como na cerimônia religiosa, o homem é transportado para fora de si, distrai-se de suas preocupações quotidianas. Em ambas observam-se as mesmas manifestações, como por exemplo, gritos, cantos, músicas, movimentos violentos, danças, buscas de excitantes que aumentam o nível vital. Em resumo: em ambas o excesso e as transgressões se fazem presentes. Todavia, existe uma diferença fundamental: embora ambas sejam formas de atividade pública, combinam em proporção desigual o júbilo e a finalidade grave (PEREZ, 2002, p.23).

Começa o levantamento do mastro, cantoria e dança dos catopés (seis duplas, todos com uma tiara com fitas – amarela, verde, azul e vermelha – uma blusa vermelha com a pomba e os dizeres “Vinde Espírito Santo”, os homens com calça e as mulheres de saías brancas). Em volta desses a comunidade se reúne e bate palmas. Noronha (2017), afirma que em rituais como esse, “o levantamento dos mastros com as bandeiras é sempre marcado por momentos de muita emoção, concentração e tensão. Ele “caracteriza o centro energético da festa”. Sua ascensão é anunciada com fogos de artifício”.

No mastro, a bandeira do Divino se torna, como nos dizeres de Noronha (2017), um objeto artístico, que assim, como o mastro, tem um apelo estético: ambos são para a contemplação. No mastro a bandeira ficará por mais 08 dias. O local onde foram hasteados se tornam espaços sacralizados, pois “o mastro é o poste sagrado, é o *Axismundi* que liga a Terra e o céu e o toca, de algum modo (ELIADE, 1992). Nesse momento, a praça da Barra na frente da igreja se torna uma extensão do mundo dos humanos com o sagrado.

Dando continuidade ao ritual, dois jovens tocam o sino, essa função não é para qualquer jovem, expressa uma relação de poder, tem que fazer parte do grupo para ir à torre, mostrar suas habilidades e suas identidades de católicos. Após várias danças, temos uma queima de fogos e um dos dançarinos grita “Viva o Divino”, “Viva o povo

da Barra”, “Viva os convidados”. Todos batem palmas e estão abertas as barraquinhas e a música começa.

Esses rituais: levantamento do mastro; danças; fogos; comidas e bebidas; procissões, cortejos e desfiles; maneiras de vestir, fazer as orações, solicitar e pagar as promessas, são maneiras de vivenciar as festas e os momentos de lazer em um diálogo com a religião, afirmando as identidades, também podem ser são observados nas pesquisas de Noronha (2017), e Costa (2013; 2017). Enquanto produto do festejar Rosa (2002) comenta que:

Alvorada, procissão, desfile, passeio. Comida, bebida. Missa, banda, grupo musical. Salva de foguetes, futebol, brincadeira, jogos tradicionais, torneio. Abertura, encerramento, exposição. Quermesse, feira, bazar, leilão. Música, dança, canto, baile e teatro. Todos esses elementos constando ou não da programação, podem fazer parte do espetáculo festivo, construído e instituído com base em fatores cotidianos, eventuais, culturais e comerciais (ROSA, 2002, p.14).

De acordo com Rosa (2002), a festa não acontece simplesmente para atender aos objetivos econômicos, segundo as regras do mercado de consumo e do entretenimento. Ela é um tempo e um espaço de produção e obtenção de bens, comportamentos, costumes, modismos e estilo de vida. Nesse sentido, as músicas cantadas eram sertanejas e forró, lembrando as mais tocadas na maioria das rádios nacionais: Luan Santana, Marília Mendonça, Gustavo Lima, Jorge e Matheus, Maiara e Maraisa, entre outros.

No seguinte, mais uma vez segue o ritual da missa, dessa vez sem a dança dos catopés. A igreja continua cheia, com o ritual das músicas e defumador, os dois jovens auxiliam. Nos dizeres de Rosa (2002), as pessoas manifestam outra aproximação com a festa, um interesse em participar e em identificar-se com os momentos vividos naquele tempo e espaço. No caso dos jovens a intenção é afirmar sua identidade de católico.

Após a missa estão abertos os festejos das barraquinhas com comidas, bebidas e o “arrasta pé”. Rosa (2002) comenta que:

Como forma de lazer, a festa denota sentidos e significados diversos, como ordem, desordem, diversão, trabalho, segurança, conflito, devoção, convivência, efervescência, excesso, ambiguidade, gratuidade e espontaneidade. Tempo e espaço festivo têm enunciados, dentre suas características, a inversão e a transgressão. A festa, no entanto, possui características peculiares, como um local e um tempo, mas não é uma experiência desestruturada socialmente. Nessa atividade, outras regras são estabelecidas, mas não se rompe com as cotidianas. Não vejo, pois, a festa como uma transgressão. Beber, comer, namorar, dançar e divertir são ações cotidianas, mesmo ocorrendo na festa de forma ampliada (ROSA, 2002, p.24).

No terceiro dia após a missa, também iniciada às 19:00, é realizada a coroação da Virgem Maria e uma procissão. A coroação é feita pelas crianças, que vestidas de anjo, cantam para oferecer os símbolos à Santa, seguindo sempre a mesma ordem: flores, coração, terço, palma, manto, véu e coroa.

Os rituais de coroação da Virgem são bastante antigos em nosso país. Morães (2014), afirma que os séculos XVI e XVII marcaram o processo de centralização política e a expansão ultramarina portuguesa. Esses acontecimentos foram utilizados como argumento para justificar um discurso messiânico em relação àquela nação: Portugal seria o reino escolhido por Deus para disseminar o cristianismo pelo mundo, isto é, para apresentar a todos a verdadeira religião. Desde então, os países que foram colônia de Portugal, carregam as inúmeras manifestações católicas européias da época da exploração. O autor discute as coroações no Reinado de Nossa Senhora do rosário. Para ele,

O Reinado de Nossa Senhora do Rosário louva a Virgem Maria nessa forma santa por considerar que essa divindade escolheu proteger os negros e guardar sua liberdade diante dos colonizadores que os escravizaram. Essa graça conferida a ela baseia-se na lenda de que a santa teria vindo das águas mediante a oração dos negros, mas também na conquista da alforria por alguns negros cujo agradecimento é a festa. O Reinado também remete a uma ancestralidade africana, reis civis em África, desde cedo associados ao divino. Os ancestrais carregam ainda a mesma natureza divina do próprio Deus e de sua mãe, quando recebem o título de “pai” e “mãe” (MORÃES, 2014, p.325).

Logo após a coroação, tem-se o início da procissão. O cortejo anda pelas ruas do local retornando ao ponto de partida. Costa (2017), nos estudos com a população quilombola mostra como é importante a tomada da rua pelos participantes. O mesmo acontece na Barra, eles querem e precisam ser vistos pela comunidade, é forma de manter a identidade, de ser reconhecido como pertencente ao grupo, que tem tradição.

Apesar de todo envolvimento religioso, algumas pessoas optam por estar no bar que fica ao lado da igreja. Ainda que possa ser feita uma análise de que eles não estejam participando diretamente da festa, o contrário pode ser entendido no momento em que se ouve uma reclamação direcionada aos garotos responsáveis pelos sinos na torre da igreja. Uma voz vinda de dentro do bar manifesta que esses não estão tocando direito. Nessa interação, o jovem responsável retruca: “já estou surdo, sobe aqui para ajudar”. Essa resposta vem carregada de um sentimento de poder, pois o jovem sabe que não são todos que tem a permissão de subir à torre e muito menos, tocar os sinos.

Ao final da procissão, são recebidos com fogos de artifícios. Todos entram na igreja para a benção final e as comemorações são encerradas. A descida dos mastros, na semana seguinte, não acontece com os mesmos rituais. Apenas os envolvidos diretamente com a festa do Divino o fazem.

Todo esse cenário e atores constituem uma forma de compreender a cultura do pedaço, que mistura tradição e contemporaneidade, não em oposição mais em diálogo. Dessa maneira, pode-se compreender “o *festar na cultura* como processo, desenvolvimento e construção social, em um movimento em que a vida se constrói e reconstrói” (ROSA, 2002, p.12). Para a autora a festa como um conteúdo cultural do lazer, mostra a dinâmica que permeia essas manifestações, ou seja, as relações, os valores e interesses que, por meio de práticas múltiplas, cunham a pluralidade da cultura.

### **A Relação Lazer e Religião do Jovem da Barra**

Gabriel (2008), comenta que no contexto brasileiro, preponderantemente católico (como no caso da Barra do Guaicuí), essa prática religiosa desempenhou e ainda desempenha um papel fundamental na formação de valores e costumes. “Ao que tudo indica as atividades de lazer, ou alguns elementos dela, são utilizados como instrumentos de atração e educação pelo lazer, com vistas aos valores religiosos” (GABRIEL, 2008, p.79). Sob a perspectiva da relação lazer e religião o autor enfatiza que:

Fica evidente a complexa tarefa de conciliar o prazer possível, presente potencialmente no lazer, com a religião. Para algumas concepções religiosas, a convivência entre as duas temáticas é possível com certas restrições, para outras há uma oposição entre ambas, pois uma ameaça o tempo dedicado à outra, e ainda a possibilidade da relação plena, harmônica e necessária entre ambas (GABRIEL, 2008, p.79).

Conforme a pesquisa de Perez (2009), existe um aumento na participação dos jovens em outras denominações religiosas no Brasil, o que indica três tendências: um crescimento do campo evangélico, dos sem religião e de outras religiões. Isso remete a uma das características mais salientes do campo religioso na contemporaneidade: sua composição nitidamente diversa, com evidente declínio da hegemonia católica, mas sem perda de sua franca preponderância. Esse aumento interfere e modifica a relação do lazer com os jovens que frequentam ou não certas igrejas e cultos.

De acordo com a pesquisa de Perez (2009), os jovens têm uma relação positiva com a religião uma vez que essa tem afetado muito mais a eles que a política, o que não significa que a juventude atual é conservadora e alienada. “Os jovens – para surpresa de

muitos que ainda insistem em pensar que a juventude é mera rebeldia sem causa ou agência de utopias – demonstram um vivo interesse por religião – que muitos persistem em tratar como alienação enclausurante” (PEREZ, 2009, p. 100). Para a autora, é preciso pensar tanto a religião quanto a juventude, quer em separado ou em par, visto que cada vez mais se colocam como incontornáveis presenças na vida e nos debates contemporâneos. A mesma considera que:

A juventude de hoje nasceu num mundo globalizado, mediático, tecnológico. Vivem em tempos de intensa efervescência, numa sociedade que passa por profundas modificações nas formas de constituição do vínculo e nas modalidades do estar-junto. O avanço tecnológico praticamente aboliu a morte, criando o padrão da eterna juventude, afetando drasticamente nossas noções usuais de duração da vida e de seus ciclos. A cultura de consumo pauta no par juventude-beleza um estilo de vida altamente valorizado e almejado. Os mesmos jovens que “ficam com” nas baladas defendem com vigor a fidelidade. Vivem em famílias de composições heterodoxas relativamente ao clássico padrão nuclear. Em seu cotidiano mais imediato convivem, entre outros, com os dilemas das reconfigurações do dito mundo do trabalho e com a morte prematura causada pela dita violência urbana. Esses jovens têm a sua disposição um mercado religioso no qual abundam ofertas de salvação de toda ordem. Em síntese, é nesse mundo efetivamente tornado aldeia global e nesses tempos de incerteza generalizada e hibridações inesperadas que se insere a “experiência geracional” da juventude de hoje (PEREZ, 2009, p.116).

A pesquisa realizada pela autora indica que a religião não é mais exclusivamente uma herança de família, e a escolha individual tem um peso que não é negligenciável. Mesmo escolhendo sua religião em um campo plural e competitivo, os jovens são majoritariamente católicos, seguindo a religião de seus pais. Vale dizer que a tradição familiar e religiosa modulam-se sincreticamente com autonomia individual, evidenciando os marcos sociológicos nos quais se insere a vivência da religião pela juventude contemporânea (PEREZ, 2009). Dessa maneira, a autora comenta:

O ponto que quero ressaltar é o de que a autonomia individual na escolha da religião não implica necessariamente o rompimento com os pertencimentos comunitários tradicionais, pois mesmo que sigam a religião dos pais, o fazem à sua maneira. Dito em outros termos: a combinação entre tradição e modernidade que esses jovens operam na escolha de sua religião contraria frontalmente as clássicas teorias da secularização, segundo as quais a escolha individual apontaria para a privatização da religião, seu confinamento ao domínio do foro íntimo e, assim, levaria ao rompimento com os pertencimentos comunitários e, logo, ao desencantamento do mundo (PEREZ, 2009, p.105).

Observamos no contexto da Barra que os jovens mantêm algumas manifestações religiosas católicas: a Dança de São Gonçalo e festa do Divino. Estes estão quase sempre acompanhados dos pais, mães, irmãos e demais parentes. Seguem a religião tradicional, porém cada um a seu modo. Uns fazem parte das danças (catopés e/ou São Gonçalo), outros do coral infanto juvenil, são coroinhas, participam da coroação de Nossa Senhora, tocam o sino e ao mesmo tempo utilizam a internet, divulgam suas ações, fotos e vídeos, marcam encontros, festas e conversas. Percebe-se assim, uma participação dos jovens, mesmo sendo eles nascidos na era globalizada, dos grandes meios de comunicação e difusão de imagens e sons, no mundo do consumo não só de artefatos, mas principalmente, de ideias.

O estudo da festa permite essa discussão à medida que, sendo um fenômeno vindo do fundo da tradição em relação com a contemporaneidade mais imediata, possa parecer alguma forma de arcaísmo, de sobrevivência, de nostalgia, ou até mesmo atraso. A festa é, no entanto, vivida, por aqueles que dela participam como explosão de vida, como revigoração e, portanto, como uma espécie de renascimento, pleno de atualidade, de inovação, de ruptura, que não tem idade, é sempre atual (PEREZ, 2002).

Dessa maneira, os jovens estão imersos nos afazeres religiosos, misturam religião com lazer, tradição e contemporaneidade. Vão constituindo dessa maneira suas identidades em diálogo com os outros sujeitos do local. Nos dizeres de Perez (2009), as vivências desses sujeitos evidenciam que a religião continua a atuar sobre a vida, a ser fonte de sentido e de experiência, mas não necessariamente e unicamente sob a forma institucional e tradicional ou do mero produto de consumo. A religião faz parte das referências culturais mais imediatas desses.

Neste contexto, ir à igreja e participar das atividades religiosas é para muitos dos jovens um elemento de sociabilidade, define suas identidades e suas relações de poder,

que se expressam no seu cotidiano. Ou seja, são coisas que eles gostam de fazer. “Neste plano, religião é lazer, insere-se entre outras referências culturais, como atestam os conteúdos religiosos em letras de certos segmentos de rap e de hip-hop, que tanto sucesso fazem entre eles” (PEREZ, 2009, p.121). Nesse movimento de lazer e religião eles vão construindo pontes que interligam as tradições com a globalização.

Conhecer a dinâmica das relações (festa, lazer e religião) nos coloca diante a diversidade cultural de ser jovem de uma comunidade ribeirinha e como estes elementos participam da constituição e construção de suas identidades, sempre em um diálogo com outros jovens, adultos e idosos do pedaço. Como afirma Pereira *et al.* (2019, p.198) “essas festas nos permite afirmar o lazer como prática social pautada em modos de viver enraizados em um cotidiano vivo”, dessa maneira:

[...] as festas, as crenças, os saberes e fazeres, tradições, danças, o modo de vida, os bens, objetos e instrumentos, entre outras incontáveis práticas, ou seja, todo o conhecimento e aparato humano, nos mais variados contextos culturais, compõem o patrimônio das comunidades. Práticas estas vivenciadas, ritualmente, pelas comunidades, celebrando as histórias e memórias de um passado que se faz presente (PEREIRA *et al.*, 2019, p.199).

Nos dizeres de Gomes e Faria (2005, p.69) “mergulhando no cotidiano do lazer, é possível observar uma riqueza de práticas, uma variedade de formas de vida com múltiplas possibilidades de trocas”, mesmo que dentro de sistemas que também comportam a frieza das relações impessoais, as desigualdades sociais, as contradições. Dessa maneira, as autoras comentam que as práticas cotidianas de lazer expressam múltiplas trajetórias, registram diferentes sentidos/significados para o lazer nos diferentes grupos.

Assim, o lazer não é dado. Compreendê-lo como dimensão da cultura implica reconhecer que ele participa da complexa trama social (família, religião, trabalho, escola e outras); que as práticas e as manifestações vivenciadas no lazer não se dão “num deserto social”; que o fenômeno revela contradições socioculturais como as

desigualdades sociais, as relações de gênero, raça e poder e as políticas públicas (GOMES e FARIA, 2005).

Concordamos com Gomes; Debortoli e Silva (2019, p.2), quando afirmam que “as atividades de lazer não são abstratas, precisando por isso ser compreendidas e vividas de modo situado, em íntimo diálogo e interação com cada território, em cada contexto histórico-social e cultural, tanto em âmbito local com o global”. Como afirma Pereira *et al.* (2019, p.198) “essas festas nos permite afirmar o lazer como prática social pautada em modos de viver enraizados em um cotidiano vivo”.

Os mesmos autores dizem que nas festas “buscamos realçar o lazer não por uma definição dada *a priori*, mas como uma concepção um princípio” (p.186). Uma lente que possibilita focar, aproximar e envolver nos processos cotidianos que vão além de nossa condição humana instrumental e objetiva, em direção aos processos sociais pautados em caminhos de expressão e de partilha ética e estética.

A experiência religiosa e de lazer dos jovens da Barra permitem que esses dividam os tempos/espacos com outros sujeitos do local e no encontro com o outro (diferente/igual) vão (re) construindo suas identidades de ribeirinhos, em constante modulação entre a tradição e a contemporaneidade, entre o arcaico e o devir.

Os adultos e idosos do local têm orgulho e satisfação em manter, divulgar e exaltar as vivências religiosas da Barra. São eles os guardiões dessas manifestações pois insistem em mantê-las viva. A festa do Divino faz parte dessa construção, é experimentada, comentada e vivida pelos sujeitos de diferentes maneiras.

## **Concluindo**

A festa do Divino na Barra do Guaicuí é uma entre as inúmeras pluralidades das manifestações culturais existentes em nosso território. Os jovens estão imersos nos

afazeres religiosos, misturam religião com lazer, tradição e contemporaneidade. Ao mesmo tempo em que rezam comungam e em seguida ouvem músicas sertanejas, dançam forró. Vão constituindo dessa maneira suas identidades em diálogo com os outros sujeitos do local.

É nesse espaço que os saberes, locais e globais, e os valores socioculturais são construídos, transmitidos e ressignificados, em uma relação das tradições com a contemporaneidade. Constituindo uma identidade própria de ribeirão, são espaços de morar, viver, trabalhar, deslocar, lazerar, rezar, festejar, retornar.

A festa do Divino (religião/devocão, festa e lazer), diz da construção das identidades, dos acessos a bens socioculturais e a participação de cada um nos diferentes contextos. Dessa maneira os jovens vão se sentindo pertencentes à cultura local e construindo/constituindo suas identidades na relação com outros sujeitos que estão envolvidos nos festejos (essas pessoas não estão ali apenas trabalhando e nem no lazer, mas participando de diferentes maneiras). A participação dos jovens é essencial para continuidade dessas festas, lembrando que essa atuação não ocorre apenas no ato da dança, da celebração da missa, do tocar o sino, do cantar, mas em todos os momentos (da preparação ao encerramento, do soltar foguetes, do alimentar juntos, na divulgação de fotos e comentários nos sites da internet em uma relação complexa de poder e legitimação.

Assim, os jovens mantêm viva a tradição ao mesmo tempo em que imprimem a ela novos elementos. Os rituais, ainda que sejam os mesmos, deixam de ser os mesmos, pois retratam o tempo vivido e a dinamicidade da cultura. A festa do Divino, como qualquer outra religiosa, se mantém carregada de simbologias. Estamos diante da velha discussão sobre as permanências, mudanças e rupturas nos rituais tradicionais. A nós importa que a cultura esteja viva, que os jovens de hoje possam se tornar os adultos e

idosos do amanhã mantenedores das tradições populares, que continuem sendo os fazedores da riqueza cultural do povo brasileiro. Que possamos continuar dizendo com a alegria de quem vive a manifestação:

“Viva o Divino Espírito Santo!”

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; LEAL, Alessandra. Comunidade tradicional: conviver, criar, resistir. **Revista da ANPEGE**. v. 8, n-9, jan/jul. 2002. p. 73-91.

BRANDÃO, Junito de Souza. Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega. Petrópolis: Vozes, 2004.

COSTA, Karla Tereza Ocelli. **Vem que hoje é dia de festa: Corpo, território e ancestralidade nas festas da Comunidade Quilombola Carrapatos da Tabatinga – Bom Despacho, MG**. 2017. 134f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – EEEFTO – UFMG, Belo Horizonte, 2017.

\_\_\_\_\_. **Arturos, filhos do Rosário: nas práticas sociais, uma história que se revela na festa de nossa senhora do Rosário**. 2013. 134f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – EEEFTO – UFMG, Belo Horizonte, 2013

DAYRELL, Juarez. A trajetória do observatório da juventude da UFMG. *In*: DAYRELL, Juarez. (org.) **Por uma pedagogia das juventudes: experiências educativas do observatório da juventude da UFMG**. Belo Horizonte: Mazza, 2016. p.17-78

ELIADE, Mircea. **O mito do eterno retorno**. São Paulo: Mercuryo, 1992.

GABRIEL, Oldrey Patrick Bittencourt. Lazer e Religião: algumas aproximações. *In*: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.). **Lazer e sociedade: Múltiplas relações**. Campinas: Alínea. 2008. p.63-81.

GOMES, Ana Maria Rabelo; FARIA, Eliene Lopes. **Lazer e diversidade cultural**. Brasília: SESI/DN. 2005. 85 p.

GOMES, Christianne Luce. Lazer: necessidade humana dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, 2014, v.1, n.1, p.3-20

\_\_\_\_\_; DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira; SILVA, Luciano Pereira. Lazer, práticas sociais e mediação cultural: notas introdutórias. *In*: GOMES, Christianne Luce; DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira; SILVA, Luciano Pereira (org.) **Lazer, práticas sociais e mediação cultural**. Campinas: Autores e associados, 2019. p. 01-07

MARTINS, SAUL. **Folclore brasileiro**: Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: MEC/SESC/FUNARTE/Instituto Nacional do folclore, 1982.

MORÃES, Lenise Glaucia de Souza. A coroação como ponte sagrada entre a Virgem Maria e as Rainhas européia, africana e conga. **Paralellus- Unicap**. 2014, v. 5, n. 10. p.313-328.

NONATO, Symaira Poliana *et al.* Projeto interativo: construindo saberes com uma juventude trabalhadora. *In*: DAYRELL, Juarez. (Org.) **Por uma pedagogia das juventudes**: experiências educativas do observatório da juventude da UFMG. Belo Horizonte: Mazza, 2016. p.169-247

NORONHA, Vânia. **Rastros de África no Brasil**: práticas educativas no Reinado de Nossa Senhora do rosário. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2017.

NORONHA, Vânia; RIBEIRO, Carla Andréa; TEIXEIRA, Danial Marangon Duffles; FERNANDES, Duval Magalhães; Morais, Patrícia Zingoni M.; Avaliação do Programa Esporte e Lazer da Cidade. *In*: ISAYAMA, Helder F.; PINTO, Leila M. S. M.; UVINHA, Ricaro R.; STOPPA, Edmur A. (org.). **Gestão de políticas de esporte e lazer**: experiências, inovações, potencialidades e desafios. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, v. 1, p. 107-122.

NOVAES, Regina Reyes (org.) **Política Nacional de Juventude**. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2006. 133p.

PEREIRA, Joyce Kimarce do Carmo *et al.* Festas, modos de vida e patrimônio cultural: experiências de lazer nos rituais do tempo e do território. *In*: GOMES, Christianne Luce; DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira; SILVA, Luciano Pereira (org.) **Lazer, práticas sociais e mediação cultural**. Campinas: Autores e associados, 2019. p. 185-202.

PEREZ, Léa Freitas. Apontamentos sobre juventude, religião e valores. *In*: PEREZ, Léa Freitas; TAVARES, Fátima; Camurça, Marcelo (org.). **Ser jovem em Minas Gerais**: religião, cultura e política. Belo Horizonte: Argvmentvm. 2009. p.99-123.

\_\_\_\_\_. Antropologia das efervescências coletivas. *In*: PASSOS, Mauro (org.). **A festa na vida**: Significado e imagens. Petrópolis: Vozes. 2002. p.15-58.

POEL, Francisco van der. **Dicionário da religiosidade popular**: cultura e religião no Brasil. Curitiba: Nossa Cultura, 2013. 1150p

ROSA, Maria Cristina. Festa. *In*: GOMES, Christianne Luce. (org.), **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 88-93.

\_\_\_\_\_. Festa na cultura. *In*: ROSA, Maria Cristina (org.). **Festa, lazer e cultura**. Campinas: Papyrus. 2002. p.11-41.

**Endereço do(a) Autor(a):**

Leonardo Toledo Silva  
Endereço Eletrônico: leotoledos@gmail.com

Vânia Noronha  
Endereço Eletrônico: vaninhanoronha@gmail.com